



TRIBUNA Livre

1
MARÇO
1958

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

HEITOR: HERIBERTO ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

CHEFE DA REDACÇÃO: JOÃO BARBOSA DE MACEDO

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

Composição, Impressão e Redacção: LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR - TEL. 62119 - AMARES

O PREÇO DA ELECTRICIDADE

O NOVO REGIME TARIFÁRIO

analisado através de uma entrevista

com o Sr. Presidente da Câmara

Novas tarifas: geral, facultativa, para pobres, iluminação de montras e fachadas, força motriz industrial e força motriz agrícola

Desde o início da electrificação do concelho que as tarifas eram fixas. A iluminação pagava-se a 2\$50 o Kwh. para fins domésticos, a 1\$00 para fins industriais e a \$80 para fins agrícolas, independentemente das quantidades que fossem gastas.

O Município perdia anualmente uma média de 20 contos com a distribuição e demais encargos pelo que se impunha a revisão do problema.

Por esse facto e na intenção de incentivar o consumo, a Câmara resolveu pedir a aplicação ao concelho de tarifas degressivas. Depois de vários demarches que se prolongam há anos e vencida a natural relutância da Direcção Geral dos Serviços Eléctricos em consentir o regime tarifário degressivo no nosso concelho, dado o nosso consumo muitíssimo pequeno, conseguiu-se a aprovação dum regime de tarifas a que se pode chamar semi-degressivas.

Vai, pois, o nosso concelho experimentar uma nova modalidade de preços para electricidade, modalidade, aliás, largamente seguida no país. Por ela teremos uma série de tarifas que tanto quanto possível tornam os preços aceitáveis e possibilitam o desenvolvimento do consumo que a tornam proporcionalmente mais barata.

Tarifa doméstica geral para iluminação

Esta é a tarifa que maior número de consumidores abrange e que terá os seguintes escalões: o 1.º que é pago a 2\$80, 2.º que é pago a 1\$80 e 3.º que é pago a \$90.

Tarifa geral facultativa para iluminação

Para aqueles a quem não interessa o regime degressivo ou não sejam nisto vantajosos, para seu caso especial foi criada uma tarifa facultativa a

2\$50 como a actual, permitindo, assim, a quem o desejar, continuar na situação presente.

Tarifa especial para pobres

Haverá ainda uma tarifa especial para pobres ao preço fixo de 2\$00 o Kwh. Só poderão beneficiar dessa tarifa aqueles que não possuam meios de fortuna nem auferirem em virtude de exploração comercial, industrial ou agrícola, ou pelos salários próprios ou de pessoas de família que com eles vivam, um total de rendimento e rendimentos superior a 800\$00.

Tarifa de iluminação de montras, fachadas e anúncios luminosos

Nesta tarifa os primeiros 20 Kwh. mensais custam a 1\$00, os 50 seguintes a 1\$30 e os restantes a 1\$10.

Tarifa de força motriz agrícola

Os primeiros 100 Kwh. a 1\$20, os restantes a \$80.

Tarifa de força motriz industrial

Os primeiros 100 Kws. a 1\$50, os 400 seguintes a \$95 e os restantes a \$75.

Sabedores que o projecto das novas tarifas está concluído e pronto a ser posto à aprovação da Câmara, na sua

próxima sessão, quizesmos ouvir a opinião do Sr. D. Nuno Luiz de Carvalho Daun e Lorena, ilustre Presidente da Câmara, que fomos encontrar debruçado sobre os problemas do Município.

À denúncia da nossa intenção correspondeu o distinto entrevistado com a oferta da sua melhor vontade em ser-nos útil, dizendo-nos da su-

O PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DA MORTE DO SNR. ARCIPRESTE,

Pe José Joaquim da Costa Azevedo

Passou, na quinta-feira finda, o primeiro aniversário da morte do nosso querido arcipreste, Padre José Joaquim da Costa Azevedo, que durante tantos anos dirigiu, nas terras de entre Homem e Cávado, o seu e nosso Arciprestado.

A sua memória paira ainda bem viva entre nós lembrando-nos o sacerdote que deu a sua alma ao seu mister e o homem que deu o seu coração à sua terra.

Figura respeitada até ao último momento, chorada ainda além do túmulo, vive e viverá entre os que dirigiu e serviu como pastor digno que foi.

O seu trono vive ainda por si e por uma sucessão feliz que lhe emprestou personalidade e aprumo, dignidade e vida, caridade e sacerdotício como o falecido lhe dera no apogeu da sua vida.

Para celebrar o passamento, na Igreja matriz, realizaram-se solenes actos em sufrágio da sua alma com larga concorrência de fieis, aqueles mesmos que em



D. Nuno Luiz de Carvalho Daun e Lorena, ilustre Presidente da Câmara Municipal

perior razão que levara o Município para as tarifas degressivas, sempre na intenção de servir o concelho e os consumidores.

Como é a tarifa doméstica geral para iluminação a que maior número de consumidores abrange, pedimos ao Sr. Presidente que nos desse um exemplo pelo qual se possa aquilatar do âmbito dos escalões.

—Numa casa de 3 divisões o

(Continua na 3.ª página)

(Continua na 4.ª página)

ASPECTOS DA VIDA RURAL

O EMPARCELAMENTO

III

Por EME

Nos dois artigos anteriores tocamos muito superficialmente os problemas do ensino agrícola e do salário, visto que este nosso trabalho destina-se apenas a chamar a atenção para as dificuldades da vida rural e não a profundar questões, que só aos técnicos compete resolver.

Seguindo a mesma linha de conduta vamos apresentar outro aspecto da vida agrícola, que se tem agravado e se nos afigura pleno de oportunidade, no momento actual, em que se procura criar ambiente a am-

plas soluções agrárias, com medidas práticas de auxílio à lavoura.

Sabemos todos, sabe-o a Nação inteira, que a vida agrícola no Minho, dum modo especial, é difícil e pouco propícia à mecanização, devido à profusa parcelação da propriedade rural, dividida em pequeníssimas glebas de terra arável, umas vezes encravadas como degraus no sopé da montanha, outras vezes, quando isso foi possível, sujeita a partilhas em

(Continua na 4.ª página)

« SOBRE A NUDEZ FORTE DA VERDADE... »

Por Fausto Feio

Sempre que me proponho falar das mazelas de Vila Verde esbarro com a dificuldade enorme de não saber por onde começar. É que, na verdade, elas são tantas que é difícil dizer qual delas será a maior.

Todos nos habituamos a associar ao nome desta terra uma certa sensação agradável de sol, de paisagem verdejante, de sadia juventude. E realmente assim é quando a Primavera en-

feita as suas árvores com as suas tenras e delicadas foíhinas dum verde esmeralda, essas mesmas que depois em pleno estio oferecem a quem passa a sua sombra generosa e acolhedora.

Mas depois? Sim, depois, quando vem o Outono e o Inverno? Ó Santo Deus como tudo isto muda, como tudo isto é diferente!... É

(Continua na 6.ª página)

ENTRE NÓS, MULHERES...

Saias muito curtas, decotes exagerados e golas valorizadas

vão ser as características essenciais de Eva 1958

Passaram as coleções parisienses e com elas um sopro de juventude, de mistério e de graça. Esta aparente futilidade que se chama moda e dá de comer a tantos e tantos milhares de costureiros de todo o mundo, vem desviar as atenções mundiais dos satélites e dos seus perigos, dos desentendimentos internacionais, das revoluções e das possíveis guerras. Durante uma semana o mundo só pensa na moda da meia estação. Pelo menos, o mundo que vive dos trapos ou para os trapos.

Os costureiros não acordaram agora, numa linha única e seguiram caminhos bem diversos uns dos outros no que diz respeito à valorização ou desprezo da cintura ou curvas femininas. A sombra de Dior pairou, não há dúvida, sobre as coleções valorizando, de além túmulo, o famigerado «saco» que estamos certas, já nos teria deixado se o famoso costureiro não tivesse morrido. De tanta confusão uma coisa parece assente: vamos usar as saias mais curtas. Alguns dos costureiros fazem mesmo aparecer os joelhos, o que, pessoalmente, consideramos bem deselegante, mesmo quando as pernas são esculturais. Outro ponto em que há uma relativa unanimidade é no regresso do preto e do azul marinho com notas de branco e no desprezo do verde, que apenas uma casa de costura, a de Chanel, apresentou nas suas passagens. Quanto ao resto, minha Senhora, só daqui a uns 3 meses saberemos o que as Senhoras adoptaram como linha condutora.

A curiosidade de ver o que faria St. Laurent—o tímido sucessor de Dior—respondeu a linha «trapézio» que, segundo nos dizem, mais parece a linha «tenda». A dar-mos fé dos críticos de modas que assistiram à passagem, o «benjamim» da costura francesa teve «bravos» de entusiasmo, com beijos das mulheres e «bombardeamentos» de encomendas dos grandes compradores e compradores internacionais. A linha «dois trapézios» vem, a direito, desde as axilas até à blusa, e a saia é outro trapézio. O costureiro não esquece porém, a linha do busto, valorizando-o com decotes largos, sublinhados por golas vaporosas. A diferença entre a linha de «trapézio» e a do «saco» está em que a primeira se abre em roda, enquanto a segunda é afunilada. Às crinolinas e as saias engomadas voltam a ajustar à roda dos novos modelos. Os ombros são naturais mas a cintura não permanece tão livre como na estação anterior. A blusa «trapézio» alarga nas ancas e veste-se com a saia em boca de sino, mas nos vestidos de noite a linha assemelha-se mais à

que usou a Imperatriz Josefina. As saias largas tanto para as horas práticas como para as elegantes, são guarnecidas com bordados caprichosos, com fitas de veludo e seda ou ainda, com flores. Um bonito vermelhão, o «rose-rose» e o cor de rosa pálido são—com o azul marinho, o preto e o branco—os tons favoritos da colecção. Chanel dá-nos a linha «Can-Can» com vestidos bem rodados e de folhos à espanhola, e ignora completamente a linha direita. Enche os seus modelos de botões e prefere contra todos os outros costureiros—o verde.

Griffe apresenta o vestido «camisa», uma variante do «saco», pois, caindo a direito, tem muita roda. As túnicas e as blusas «à marinheira» são os seus motivos principais. O azul marinho é aqui também a cor preferida, se bem que o costureiro empregue os tons rosados, do vermelho forte ao ciclamen.

Balmain frata do «saco» com ombros muito largos, golas valorizadas e saias afuniladas, na sua linha «torpedo».

Madeleine de Rauch tem bonitos «taullerus» práticos e deliciosos saia-e-casaço para as horas elegantes. As saias são quase todas esguias, mas com os casacos ligeiramente cintados e muito trabalhados. Os tons, na generalidade, são escuros, mas há sempre uma nota viva num lenço ou numa «écharpe» de «chiffon» ou de seda de cor lisa, às riscas ou semeada de bolinhas escuras.

A colecção de Patou, em compensação, é anti-saco e muito feminina. Quase todos os seus modelos «de mais vestir» têm boleros ou casaquinhos curtos. O costureiro dá uma nota romântica aos vestidos de noite, guarnecendo o decote ou os ombros com uma camélia em rosa desmaiado.

Heim apresenta uma colecção muito juvenil e fresca. Espalha laços e lacinhos por todos os modelos e descobre bem as pernas. Os decotes são «provocantes» e guarnecidos de golas enormes.

Cardin—que há dois anos foi o primeiro a tentar a linha «saco» mantém-se-lhe fiel. E para que a silhueta não seja demasiado rígida guarnece os vestidos e os chapéus com a nota sempre ligeira e graciosa dos tules em cor pastel.

TRIBUNA

DE

MODAS

O Calvário e a Cruz

Golgota... Lugar de suplício, de tortura...
Sob um pedestal se levantou uma Cruz...
Nela pregaram sem dó nem piedade, ternura,
O Diviníssimo Filho de Maria: JESUS.

Quam foi grand'a dor da Virgem Mãe ao ver Filho seu
Envolvido entre homens sem fé nem coração...
Açoitando-o, caminhos turtuosos subiu,
Até ao Monte Calvário, sem abominação...

Em dores lanceantes, cravado num madeiro,
De frente pendida, aquele Deus verdadeiro,
Ali morre, isento de dôr, nem piedade...

Maria... Recebe anciosa seu Filho, Jesus...
Carpindo a morte horrorosa que numa Cruz,
Ele foi sofrer por amor da HUMANIDADE.

Caracas, Janeiro de 1958

a) José Daniel de Faria

CULINÁRIA

Uma receita com bacalhau

Ponha o bacalhau de molho, na véspera, para lhe tirar o sal. Coza o bacalhau e as batatas, passe-os pela máquina e seguidamente por uma peneira. Deite numa caçarola a Margarina Vaqueiro e o leite, temperando tudo com sal e pimenta.

Quando estiver bem quente, deite o bacalhau, as batatas, 1 ovo e a salsa picada, mexen-

do bem para que fique uma massa homogénea e grossa, que se retira do lume e se deixa arrefecer. Quando a massa estiver fria, faça com ela um rolo e passe-o por ovo batido e pão ralado. Frite nas restantes 50 gramas de Margarina Vaqueiro. Virando com cuidado para que não se desmanche.

Antes de servir cubra o rolo com molho branco, feito com leite, Margarina Vaqueiro (previamente alourada), farinha de trigo, 1 cebola pequena e uma raspa da nós moscada.

Como se vê, é difícil prevermos o que será a moda de amanhã. Talvez esguia... Talvez rodada... talvez as duas coisas... Esperemos, pois, e, entretanto, governemo-nos com os vestidinhos do ano passado. Um pouco mais cuitos com uma golinha branca ou um laço farfalhado, passarão por modelos actuais. Poupe-mos alguma coisa para o que iremos gastar, se a moda triunfante for a das saias rodadas. Talvez nunca, como agora, a moda estivesse tão indecisa, tão débil na sua vontade, tão pouco dominadora. Desforremo-nos, portanto, enquanto é tempo.

REGIMENS ALIMENTARES

para os doentes dos intestinos

Uma parte de prisões de ventre (obstipação simples) não requer dieta especial, mas somente regularização dos hábi-

tos e aumento da ingestão de alimentos ricos em hemicelulose, como são os legumes e a fruta, em especial a ameixa. Seis a dez ameixas secas fornecem a quantidade mínima diária de resíduos.

A hemicelulose é hidrófila e, por isso, é conveniente administrar grande quantidade de água, especialmente antes das refeições e em jejum.

Outros tipos de obstipação requerem dieta mole, com legumes passados por peneira, fruta cozida, passada se contiver grãos, peles, partes coriáceas, certa fruta crua muito madura também passada, (pera, banana, damasco e ameixa). Esta distinção só pode ser feita depois de estudo profundo pelo médico, que deverá acompanhar o tratamento de ligeira medicação causal.

Não se deve seguir uma dieta só porque um indivíduo tem obstipação. Só um médico pode assentar num tal diagnóstico, depois dum estudo profundo, para excluir doenças importantes do cólon ou fora do cólon, em que a prisão de ventre pode ser apenas um sintoma.

As diarreias agudas, ou são passageiras e curam espontaneamente, ou são mais rebeldes e necessitam de tratamento médico, que inclui geralmente uma dieta líquida no início do tratamento, à base de caldos de arroz e de chá fraco, e em seguida dieta mole, como acima se indica, durante um ou vários dias.

As diarreias crônicas impõem o exame, quase sempre complicado, dum especialista. A dieta é em geral mole, segundo a tabela e desempenha a maior parte das vezes um papel secundário ao lado da terapêutica medicamentosa.

Sopa de puré verde

Põe-se água com azeite ao lume e quando ferver, junta-se-lhe feijão verde, abóbora menina, batata, nabo e cenoura. Deve predominar o feijão verde. Coze-se muito bem e depois de se-lhe polpa de tomate. Deixa-se ainda cozer o tomate e passa-se tudo pelo passador. Ficam um polme que vai a levantar a cura ao lume. Se ficar grosso, serve-se assim. Se ficar ralo feita-se-lhe bocadinhos de pão.

SOBREMESA

Bolos de nata

1 chávena de nata e igual porção de açúcar. Junta-se 1 ovo inteiro e bate-se tudo bem. Depois deita-se a farinha precisa para se tenderem os bolos. Deita-se a massa e formam-se que vão ao forno divididas de farinha.

Visado pela censura

TRIBUNA do CONCELHO

Tomaram posse dois dos novos membros da Mesa da Santa Casa da Misericórdia

Na sede da Santa Casa da Misericórdia deste concelho, sita no Largo do Dr. Oliveira Salazar, tomaram posse, na passada quinta-feira, os novos membros da Mesa Srs. drs. Aristides Marques Vilela e Tomás Gonçalves de Andrade que por motivo justificado não haviam ainda sido empossados.

A posse foi conferida pelo sr. António Carlos Rodrigues de Azevedo, presidente da Assembleia Geral, na presença do sr. dr. Manuel Arantes Rodrigues, P.e Albino José Alves e João Barbosa de Macedo, respectivamente, Provedor, Tesoureiro e secretário da Mesa.

Findo o acto o sr. provedor saudou os empossados que agradeceram prometendo os seus melhores esforços no sentido de ajudarem a Santa Casa a cumprir a sua alta e benemerente missão.

Tribuna DE VILA VERDE

(Continuação da 6.ª página)

truir um muro de vedação junto do caminho público.

—A José de Azevedo Pires, de S. Julião de Freixo —Ponte do Lima, para instalar uma aparelhagem Sonora em todas as feiras do Concelho de Vila Verde.

—A Laurinda da Silva Forte, de Cabanelas, para reconstrução de um muro e construção de uma ramada junto do caminho público.

—A António José Alves de Oliveira, de Ponte S. Vicente, para reconstruir uma ramada junto do caminho público.

—A José Luiz Soares, de Lanhas, para reconstruir uma ramada junto do caminho público.

—A Nidio de Araújo e Silva, de Barbudo, para reconstruir uma ramada junto do caminho público.

—A José Crujeira, de Oleiros, para reconstruir um muro junto do caminho público.

—A Joaquim Fernandes, de Carreiras S. Tiago, para construção de um muro de vedação junto do caminho público.

—A Paulo Alves, de Mós, para construir um acréscimo a uma casa, junto do caminho público.

—A Alberto Rodrigues Peixoto, de Ateães, para instalação de uma aparelhagem sonora nas festas e feiras de Vila Verde.

Foi concedida Assistência Hospitalar

A Bregelina Soares, de Soutelo, para fazer tratamento no Hospital de S. Marcos.

—A Joaquim de Sousa, de Gême, para tirar uma radiografia no Hospital de S. Marcos.

—A João Batista da Cos-

ta Carvalho, de Cabanelas, para tratamento no Hospital S. to António—Porto.

—A Manuel Joaquim Moreira da Silva, de Prado Santa Maria, para fazer tratamento no Hospital de S. Marcos.

—A Luiza Maria da Mota, de Vila Verde, para consultar um médico psiquiatra em Braga.

Nascimento

Nasceu nesta Vila uma menina, filha da sra. D. Alice Balreira Silva e do sr. Mário Silva, comerciante no Campo da Feira.

Mãe e filha encontram-se de perfeita saúde.

«A montanha e o Céu»

A propósito do nosso último artigo publicado no n.º 111, com o título «A Montanha e o Céu» fomos abordados por algumas pessoas que, um pouco intrigadas, desejavam saber quem dizia respeito.

Descansem meus amigos; só enfiam o «barrete» aqueles que tiverem cabeça para ele; Os incrédulos, e mórmente aqueles que aqui ganham a vida e dizem mal de tudo e de todos, como se não tivessem que fazer.

De resto, também temos direito de fazer um pocco de literatura!!! caseira, não é assim?

E ainda a propósito do mesmo artigo, pedimos desculpa aos nossos estimados leitores de duas gralhas da redacção; Onde se lê «conceitam, deve ler-se, concitam: onde se lê trágica—comédia, deve ler-se, trágico—comédia.

D.

LAGO

Na igreja paroquial desta freguesia casaram no passado Domingo o sr. António Joaquim Pires com a menina Custódia Maria Gonçalves Vieira, do Lugar de Santa Marta.

—Faleceu a sra. Maria Rodrigues, viúva de 76 anos do lugar de Vila Nova. Era mãe do sr. Augusto Rodrigues Veloso.

—Domingo passado, no campo do Paço, realizou-se um desafio de futebol entre os grupos de Barreiros e Lago. Saíu vencedor o grupo local por 4-1.

Na Vila, assistimos num dos últimos dias à descarga de uma quantidade de volumes com a indicação «QUEIJO».

Quizemos saber qual a casa comercial que gastava tanta quantidade do produto e procuramos saber. Soubemos, então, que tudo aquilo era oferta da Cáritas e se destinava às creanças das Escolas de diversas freguesias de Concelho, que nos enumeraram.

Admirável o gesto do povo Americano.

J. P.

Pedido de Casamento

Rapaz educado, com 25 anos de idade, medindo um metro e setenta de altura, com 75 quilos de peso, há 5 anos no Canadá e com colocação garantida, deseja corresponder-se com menina de 17 a 25 anos de idade, de boas relações, para fins matrimoniais. Pede foto. Caso não interesse, será devolvida.

Resposta a Amaro Costa — B. B. N. 8 C. N. R. — Prince Rupert — B. C. Canadá.

CAIRES

S. José

Hoje, na Igreja Matriz desta paróquia, constituída, na maior parte das famílias, por artistas e operários, principia a devoção do mês de Março consagrado a S. José—modelo dos chefes de famílias e protector dos operários. Nos dias 18 e 19 de Março realizar-se-á, com a máxima solenidade possível, a festa de S. José, promovida por todos os «José» da freguesia, sendo este ano a comissão promotora composta pelos Senhores. José Augusto de Almeida, José Joaquim Batista da Silva e José da Cunha e os números do programa, quasi os mesmos dos anos anteriores: Confêso, jubileu, Hora Santa Pregada na véspera, Missa solene, uma rezada outra cantada e comunhão geral de manhã; Sermão, procissão e outros actos do culto, à tarde, tudo retransmitido por alto falantes e um animado bazar de prendas com alguns foguetes.

Oxalá que todos os José de Portugal, consigam, já para este ano, que o dia 19 de Março seja considerado feriado nacional e «o dia do Pai» para que

Festa de despedida

Em ambiente de animação e sa camaradagem, realizou-se na pretêrita terça-feira, num restaurante da cidade de Braga, um jantar de homenagem ao Sr. José Norberto Venâncio, comerciante em Manaus, que amanhã, Domingo, parte para esta cidade, levado o efeito por um grupo de amigos.

O jantar que decorreu em ambiente de sincera amizade, constituiu uma homenagem, de veras merecida, dado as qualidades de amizade e bom convívio exuberantemente demonstradas pelo homenageado.

Aos brindes usaram da palavra vários dos presentes tendo por fim o homenageado, muito sensibilizado, agradecido não só a festa, mas também as palavras que lhe foram dirigidas.

«Tribuna Livre» que esteve presente nesta homenagem, deseja, sinceramente, ao Sr. José Venâncio e sua Ex.ma família, boa viagem e muitas felicidades.

José Manuel de Macedo

Chegou a Manaus, na passada segunda-feira, o sr. José Manuel de Macedo, nosso amigo e colaborador.

Folgamos saber que a viagem correu bem.

também seja "dia Santo de Guarda" como o é e sempre foi em todas as nações do mundo, excepto no nosso Portugal Cristão... Ponhamos as coisas no seu lugar.

Avante por S. José.

CARRAZEDO

Casamentos por amor

No dia 13 do corrente o adro da Igreja desta freguesia apresentava invulgar número de pessoas para presenciar os casamentos de Maria e António de Carvalho mais conhecidos pelos «Vilarinhos», aqui residentes e cegos de nascença. Talvez fosse este o motivo que trouxe, em dia de semana, tanta gente curiosa ao templo da Verdade e da Justiça com o fim especial de comentar o acontecimento vulgar e modesto da união desses corações, como todos, palpitantes de felicidade principalmente no dia da boda. O noivo da Maria—Manuel Nabiga—e a noiva do António cheios de mocidade e escorreitos davam a impressão de grande felicidade e heroísmo concertada por tomarem sobre si a dolorosa responsabilidade da direcção de um lar do qual fica a fazer parte um elemento que nasceu e vive nas trevas procurando agora com a voluntariedade amorosa suavizar um pouco a tristeza que lhes invade a alma por não poderem contemplar o semblante daqueles que os escolheram para companheiros do seu infortúnio.

Parainfaram o acto o sr. Adão Russell e sua esposa D. Maria Manuela. Uma alocução do padre Lomba comoveu profundamente os assistentes.

Caminhos intransitáveis

A Junta de Freguesia solicitou ao Fundo dos Me-

lhamentos Rurais uma participação para a reparação de um caminho público no lugar de Além, necessidade imperiosa, que pelo seu estado e trânsito obrigatório deverá merecer o carinho desta instância. Que a carência de recursos desta Junta venha a ser suprida pela vigilância de cantoneiros municipais são os votos deste Corpo Administrativo e dos paroquianos utentes.

Comissão Fabriqueira

Para reparação dos telhados da Igreja a comissão fabriqueira resolveu vender as tílias do seu adro visto o seu crescimento concorrer para derrubar os muros da sua vedação.

A medida é acertada e todos apoiam a deliberação, que evitará grandes despezas se os muros caíssem como acontecerá.

D. Nuno de Carvalho

Tivemos a honra de cumprimentar S. Ex.ª o Senhos D. Nuno de Carvalho Daun e Lorena (Figueira), ilustre presidente da nossa Câmara Municipal recentemente chegado da capital ao nobre solar do Castro.

O 1.º aniversário do falecimento do Padre José Joaquim da C. Azevedo

(Continuação da 1.ª página)

vida lhe tributaram amizade e servidão e em morte lhe recomendam a alma e lhe louvam a memória.

Passou o corpo, a miragem e o espírito passam sobrevivendo ao infortúnio do tempo, à inclemência do esquecimento, à ingratidão dos homens.

As preces subiram, as fronteiras curvaram-se reverentes, as lágrimas caíram. A recordação espalhou-se por todos os cantos. A vida numa das suas lições, esta, a da virtude.

E nesta homenagem, que o é também, o bauquet da nossa admiração.

VENDE-SE

Camião Tames com licença de Aluguer — peso de 100 de Kls. — Local de estacionamento Amares.

PESO BRUTO 7.500 KLG.

Falar com Adão Herculano de Matos

FROSSOS

O Preço da Electricidade

(Continuação da 1.ª página)

primeiro escalão até 5 Kwh., o 2.º até 9 e o 3.º os restantes. Quer dizer que se nes-a casa houver um simples ferro electrico e consuma em média 15 Kwh. por mês já terá vantagem no escalão. Paga pelos primeiros 5 a 2\$80, os 4 restantes a 1\$80 e os seguintes a \$90. No total considerado de 15 Kwh. dá pelas novas tarifas 26\$60 enquanto que a 2\$50, como era até agora, attingia 37\$50.

Como se vê, aqueles que têm um consumo insignificante teriam de pagar a energia a 2\$80, mais, portanto, do que pagavam até aqui, em que a pagavam a 2\$50. Seriam os únicos prejudicados. Mas tendo em conta este caso a Câmara conseguiu junto da Direcção Geral dos Serviços Eléctricos a tarifa especial facultativa fixa a 2\$50 pela qual podem optar por intermédio de simples requerimento.

Vemos com satisfação — disse-mos — que foi considerado o caso das montras, fachadas, etc.

—A iluminação das montras, fachadas e anúncios luminosos era praticamente incomportável com o preço de 2\$50. Com a nova tarifa já é possível ao comércio local a iluminação das suas montras e fachadas o que muito contribui para o embelezamento local.

E mais adiante:

—A Câmara Municipal paga à Chenop toda a electricidade, incluindo as perdas do transformador para baixa tensão e as perdas de linha ao preço fixo de \$75. Dada a diferença entre a energia total paga à Chenop e a paga pelos consumidores à Câmara, diferença essa que resulta em perdas atrás referidas que andam na ordem dos 15 a 20 por cento, dado o pequeníssimo consumo de electricidade que há no concelho e ainda com a sobrecarga dos encargos resultantes do pessoal e conservação das linhas, não contando com os necessários melhoramentos e reforços das mesmas, que são necessários, o Kwh, fica por preço superior a 1\$00 à Câmara Municipal.

Sendo assim, fácil é verificar que as tarifas motrizes industrial e agrícola, eram grandemente deficitárias estando o seu deficit a ser em parte coberto pela tarifa de iluminação geral que era paga a 2\$50 e na outra parte pelos rendimentos gerais do Município. Note-se no entanto que na Indústria o agravamento não se verifica desde que gaste 500 kwh. e até auferirá benefício desde que passe essa marca.

Pode dizer-nos alguma coisa sobre a tarifa de força motriz agrícola?

—Ela é sempre sobrecarregada embora a sobrecarga esteja sempre na razão inversa do consumo. Os possuidores de motores para rega ainda ficam em condições mais vantajosas do que aqueles que

têm de lançar mão dos motores de explosão a petróleo ou a gazóleo dada a diferença de rendimento entre motores eléctricos que trabalham a 2.800 r/m, normalmente, e os motores de explosão que trabalham na razão de 1.500 r/m; isto é, um motor eléctrico de 2,5 produz, aproximadamente, o mesmo rendimento que um motor de explosão de 4 H.P.. Enquanto que um motor eléctrico de 2,5 gasta de 2 a 2,1/2 Kwh. um motor de explosão de 4 H. P. gasta cerca de 2 litros de petróleo que a 2\$30 dá 4\$60.

Com estas tarifas estará resolvido o deficit anual da electricidade?

—Julgo que sim. Não estava certo nem se afigura moral

que o fornecimento eléctrico desse prejuizo que tinha de ser pago por outras receitas do Município. A electricidade tem que dar para a electricidade. Podemos beneficiar todos se se aumentar o consumo geral. As perdas são em geral iguais no maior ou no menor consumo. Assim, proporcionalmente as perdas não acompanham o aumento e tornam a energia mais barata ao Município. Os munícipes consumido mais atingem os escalões mais baixos.

Não tinhamos mais nada a perguntar e o assunto parecia-nos esgotado, então, o sr. Presidente, disse-nos ainda:

—Peço a todos os consumidores e habitantes do concelho que encarem com a melhor boa vontade possível as novas tarifas que, vejamos nos esforços do Município a intenção permanente de os servir e os beneficiar.

O EMPARCELAMENTO

(Continuação da 1.ª página)

sucessivas gerações de famílias de grande prole, que a foram fraccionando, retalhando e convertido em estreitas courelas ou em acanhados torrões para pomares e hortas.

A lei opõe-se actualmente à divisão da propriedade rústica com área inferior a um hectare e isto pode impedir que o mal se agrave, se bem que muitas terras se continuem a adjudicar a vários herdeiros, como propriedade comum, o que em última análise representa uma subdivisão particular, quantas vezes efectiva e demarcada.

De qualquer maneira a tendência é para o fraccionamento da terra, sem que se lhe tenha oposto qualquer medida, além da referida disposição legal, que concorra para a junção das glebas — que provoque o emparcelamento.

O que foi dividido, com graves prejuizos para o futuro da lavoura, conserva-se dividido e continua a dividir-se.

Desta forma, contrariamente aos grandes latifúndios criados ao sul do País, propagaram-se os minifúndios do norte, mais acentuadamente verificados no Minho, que se vê oprimido com excedentes demográficos e com este mal do parcelamento rural, em crescente ritmo.

A contramedida indicada para obstar a este mal é o emparcelamento, quer seja voluntário, quer seja obrigatório, norma que começou a ser adoptada em alguns países da Europa, desde há mais de cem anos, mas que só ultimamente tem tomado aquele ritmo que está a impor-se como importante medida de valor económico para a agricultura.

Mas haverá realmente grandes vantagens no emparcelamento? É intuitivo que a dispersão provoca o encarecimento do cultivo e consequente desvalorização da propriedade.

O que se poderá fazer com

máquinas, em escasso período de tempo, terá de ser cavado à enxada em torrentes de suor humano e de dinheiro inútilmente gasto.

A dispersão acarreta, além disso, maior encarecimento dos transportes e dificulta a direcção, fiscalização e execução dos trabalhos e ainda, perda considerável de materiais e ineficácia da irrigação, com desperdício de água por entre difíceis e prolongadas travessias de servidões, quantas vezes portadoras de um outro mal: a discórdia em causa e a Justiça em acção.

Acresce a isto a má circulação dos transportes (aparte o seu encarecimento), o mau funcionamento de servidões, uma parte considerável de terreno perdido em vedações e caminhos inúteis, a propagação de sombras perniciosas, a má drenagem e saneamento das terras e um sem número de consequências que a experiência mostra em cada dia e que seriam fáceis de evitar por um racional emparcelamento das terras, depois de ponderadas as vantagens e os contras, em cada caso particular, porque o emparcelamento deverá ser racional e não arbitrário, em que se porá toda a pericia e usará o acordo voluntário, pelo menos da maioria dos proprietários interessados.

É precisamente neste ponto que o emparcelamento se torna difícil entre lavradores como os nossos, desconfiados e ciosos da sua gleba, sempre melhor do que a do vizinho, por mais vantagens que veja ou não queira ver na permuta, para pretender receber o dobro daquilo que dá.

Forçoso é que, estudado o emparcelamento de determinada área de terreno e a maioria dos proprietários estejam de acordo com ele, se tornasse obrigatório para todos, quebrando-se assim a incompreensão de uns tantos espiritos re-

DESPORTOS (Continuação da 6.ª página)

provocaram mau espectáculo desportivo. Os azuis ganharam graças ao seu perigoso avançado Matateu, que assegurou a vitória à sua equipa.

Cuf-2 Salgueiros-1

No Barreiro disputou-se um jogo que era aguardado com grande interesse. O Salgueiros iria disposto a dar tudo por tudo para fugir aos últimos lugares. Os encarnados não conseguiram passar o difícil obstáculo, perdendo no início da partida lances de golo feito que muita falta lhes veio a fazer.

Na jornada do próximo domingo, os guias têm deslocções difíceis ao Benfica e S. C. de Braga, respectivamente. Na luz vai disputar-se mais um Sporting-Benfica, jogo difícil para os leões que jogam com mais responsabilidade. O Sporting é, presentemente, melhor equipa, mas nestes jo-

gos nunca se sabe quem ganha, pois embora haja diferença de conjunto técnico, leões e águias são sempre iguais quando se debrantam. O Porto também não vai tranquilo para a cidade dos arcebispos. É tradicional os bracarenses fazerem a vida cara aos nortenhos. O Porto é indiscutivelmente melhor equipa, mas nestes jogos a tradição costuma influenciar bastante. Será no próximo domingo que os portuenses voltarão ao comando da tabela? Deixemos a resposta para os nossos estimados leitores, que também como nós poderão acompanhar este despique Sporting-Porto. Nos restantes encontros, os visitados levarão certa vantagem como é habitual, mas nada de confiar pois em futebol tudo é possível, e a provar olhem os para o jogo dopassado domingo disputa-lo no monumental estádio de Alvalade. M. J.

trógrados que prefeririam, por estupidez ou por inveja, não beneficiar as suas terras para que as do vizinho não sejam beneficiadas também, ou — quem sabe até aonde poderá ir a fantasia ou a maldade — para não entregar ao inimigo o que era seu e possuir como maléfica recordação o que receberá do vizinho.

A valorização da propriedade com o emparcelamento bem ordenado atinge, entre 30 a 40%, segundo as melhores estimativas em muitas nações europeias, vantagem esta que a nossa depauperada lavoura está a desprezar e de que bem poderá beneficiar, um dia, se este importante caso do emparcelamento vier a ser aceite como boa regra entre nós, assim como o está já a ser no estrangeiro.

Em países grandes como a França e Alemanha e em nações pequenas como a Holanda, a Bélgica e a Suíça, e mesmo na amiga, vizinha e parceira Espanha, estão a ser postas em prática e com assinalado êxito, medidas tendentes ao emparcelamento. E não se diga que alguns desses países oferecem melhores vantagens do que o nosso Minho para um proveitoso emparcelamento.

Em algumas regiões da Suíça o parcelamento era tal que atingia a média de 11 parcelas por hectare, o que raramente se atinge no nosso Minho, e fizeram-se ali emparcelamentos com êxito.

Vamos transcrever um significativo caso de emparcelamento passado em Espanha:

«*Em Cantalapedra, na provincia de Salamanca, foi declarada de utilidade pública a concentração parcelar, por decreto de 2 de Outubro de 1953. O número de parcelas a concentrar era de 5.581, tendo-se reduzido a 474. A superfície média das parcelas que era de 1,13 hectares, passou a 13,44 hectares. O número de parcelas por proprietário, que era de 16,9 baixou para 1,4 e o número de parcelas encravadas reduziu-se a 13, quando, an-*

teriormente, havia nada menos de 2.625.

Mas afora este novo agrupamento das propriedades, foi estabelecida uma enorme soma de melhoramentos, como a seguir se enumera: uma rede de 36.636 metros de colectores principais; outra de 10.605 metros de caminhos e 91.284 metros de servidões; construção de 6 poços com bebedouros para gados, electrificação das hortas familiares e melhoria dos regadios na mesmas, etc.

Com estas modificações substanciais, a propriedade rústica aumentou consideravelmente de valor, sendo de 35% o cálculo dessa valorização».

Não será necessário exemplificar mais para se evidenciar as grandes vantagens do emparcelamento bem orientado e para provar que é possível efectuar-se com excelente proveito económico.

Sobre tão momentoso assunto deverá ter a palavra a Junta de Colonização Interna, a entidade destinada a prestar auxílio técnico e financeiro à lavoura e que tão largos benefícios tem já espalhado por todo o País.

O emparcelamento é trabalho paciente que deverá ser levado a efeito com espírito apostólico e com a competência que os técnicos da Junta de Colonização têm demonstrado, exuberantemente, em magníficos trabalhos de outro género, também de fomento agrícola.

Demos portanto a palavra aos técnicos, mas compreendamos também que não poderão fazer o milagre do emparcelamento das minúsculas courelas do Minho — tal como o grande taumaturgo Santo António fez aos cacos da bilha de barro — sem o concurso da lavoura interessada.

Entretanto, cremos que o milagre se dará com a boa vontade de todos; e bem haja quem lançar mãos a tão proveitosa empresa de valorização da terra. EME

Produção Agrícola

Bilhetes - Cartas de Angola

XXV

Caro Pedro Lucas:

Vou finalizar hoje a minha conversa com o Silva, conforme te dei a saber no meu último bilhete-carta.

O segundo carro que possui era um «Austin» que me deixou muita pena e gratas recordações.

Embora calado e discreto, foi vítima de muitas apreciações injustas quando ele, afinal, tão bem me serviu com tanta dedicação e solicitude. Acusavam-no de inestético, repararam no seu «passo hipomóvel», caluniaram no ferozmente, apontaram-lhe deficiências, puseram-lhe defeitos sem conta e... não sei que mais...

E o velhaco, altivo e zombeteiro, ria para dentro, e, independente de tudo e sobranceiro a todos, «não passava cartão» a qualquer pessoa...

Podiam até dizer dele as piores coisas: continuava sempre igual a si mesmo e da sua boca não saía uma palavra única de defesa.

Embora não trouxesse consigo ferradura de prata, de ferro ou de qualquer outro metal, como preventivo contra possível hepatite aguda—mal de inveja ou má olhadura é que não era—antes de reembarcar, mandei-o para o Gebrez fazer uma cura de águas e por lá deve andar ainda a expiar os seus supostos crimes.

Não obstante o «Fiat» simpatizar com a cidade e este preferir o campo, ainda é do «Austin» que mais gosto pelos revelantes serviços que me prestou nestas férias tão lindas

e tão cheias de aventuras e peripécias... de que ele foi testemunha qualificada, peripécias e aventuras inocentes e santas, entendamo-nos.

Ao terminar a nossa conversa já o Sol espreitava, sorridente e esperançoso, por cima das cristas prateadas das ondas que se desfaziam em pedaços de algodão alvíssimo, ora de encontro à quilha do barco, ora de encontro umas às outras.

E o Silva, sempre actual e sempre oportuno, com o seu risinho cheio de ironia, continuava a cantarolar: «... não quero mais ninguém.»

«Já lá vem o sol nascendo
Deitando raios à aldeia
Já lá vem a tesourinha
Cortando na vida alheia».

Só agora, tardo como sou ao raciocínio e refratário à compreensão, atingi os motivos porque o meu amigo preferia o alto mar, embora revoltado, aos caminhos enfeitados de cores e perfume da nossa linda aldeia...

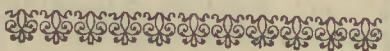
E, assim, passamos mais um dia da nossa longa viagem.

Com o abraço tradicional de sempre me subscrevo,
Boa-Fé, 23 de Fevereiro de 1958.

Gonzaga da Cruz



Lêde e assinai
«Tribuna Livre»



Tribuna Desportiva

Assim vai o Nacional da 1.ª divisão

Após uma paragem de duas semanas voltou-se ao campeonato Nacional da 1.ª divisão, disputando-se no passado domingo mais uma jornada. Como nota sensacional, realçamos o inesperado empate cedido pelo guia do torneio frente ao Vitória de Setúbal, em Alvalade.

Com este ponto perdido os leões aceitaram mais uma vez a companhia do F. C. Porto e não sabemos até quando. Na frente continua a dúvida, quanto ao apuramento do campeão. Sporting e Porto continuam a travar uma luta emocionante. Os leões continuam beneficiados pela golavariagem, mas os portuenses parecem agora melhor colocados para voltar ao comando embora sem carácter definitivo, pois ainda tem duas deslocações difíceis, principalmente a do Restêlo. Será este campeonato resolvido na última jornada? Tudo é possível e mais possível se nos parece ao olharmos para os jogos a efectuar ainda. Na rectaguarda, Salgueiros e Oriental perderam os jogos do passado domingo, deixaram-se distanciar mais do terceiro, Vitória de Setúbal, ficando agora em más condições. Três pontos de diferença é muito a quatro jornadas do fim, mas em futebol tudo é possível e até porque o Salgueiros tem um calendário favorável. Nesta jornada em que os resultados foram normais, descontando o jogo de

Alvalade, os desfechos das partidas foram os seguintes:

F. C. Porto-3 Caldas-1

Os portuenses favoritos neste encontro, não desmentiram a sua capacidade, vencendo bem o adversário e a verdade é que poderiam até ter ido mais longe. Com esta vitória os portuenses igualaram mais uma vez os leões.

Académica-4 Barrei.-0

Em Coimbra, os estudantes venceram os Barreirenses por margem que não dá lugar a reparos. A turma escolar não sentiu a digressão pela África.

Torriense-1 Braga-0

Em Torres Vedras, o club local venceu os minhotos com certa dose de sorte. Um único erro da defesa bracarense, ditou-lhe a derrota, que não está certa pela maneira superior

como os arsenalistas se bateram. Os Torrienses jogaram muito duro sem que o árbitro fizesse a mínima observação.

Lusitano-3 Oriental-1

Os evorenses venceram bem o Oriental. Os lisboetas foram superiores até ao intervalo, mas não aguentaram o mesmo ritmo até final.

Sporting-2 V. Setúbal-2

Em Alvalade rebentou a bomba da jornada. Os setubalenses esfomeados de pontos conseguiram ludibriar os leões e trazer consigo um precioso ponto. A equipa leonina parece não ter acreditado no valor do adversário, pois principiou a jogar sem pressas o que não é habitual. Quando resolveram carregar no acelerador, os lisboetas não tiveram talento para bater o antagonista perdendo um ponto que muita falta pode vir a fazer ainda.

Belonenses-2 Benfica-1

Jogou-se mal no Restêlo. Azuis e encarnados não responderam ao que deles se esperava. Jogando um futebol aos repelões e com a bola sempre no ar, as duas equipas

(Continua na 4.ª página)

CAMIÃO DE ALUGUER

DE

Adão Herculano de Matos

O camião H C-17-66 que estaciona no Largo D. Gualdim Pais, da Vila de Amares, encontra-se todos os dias ao serviço do público.

Encarregado: Virgílio Freitas

Lugar do Bárrico

Feira Nova

Folhetim da «Tribuna Livre», 59

SEMPRE NOIVOS

Por Porfírio de Sousa

(Recordações do Minho — Usos e costumes)

— Nós cá, Zêzinho, quando pegamos na enxada é um caso sério — disse o Américo da Tojeira.

— Oh! raparigas! vocês querem que lhe vamos dar uma mão? — perguntou o Rolando às mulheres que andavam a empanar.

— Não é preciso, nós chegamos bem para fazer o trabalho — respondeu a Maria Alice.

— Só se ficarem cá de noite — tornou o Juvenal da Deveza.

— E se ficássemos não tínhamos medo — respondeu-lhe a Felismina do Toural.

— Se for preciso eu fico com vocês a fazer-lhes companhia — ofereceu-se, escarninho, o Manuel da Portela.

— Com má companhia, mais vale estarmos sós — ripostou-lhe a Angelina do Paço.

— Deixemos isso para amanhã e vamos embora, pequenas, disse, a Vir, o José.

Já era noite quando chegaram e a ceia já os esperava há bastante tempo.

Lavaram ligeiramente as mãos, pois os trabalhadoras do campo não primam lá muito pela higiene, e sentaram-se à mesa, ou antes, às mesas, onde fora servida a última e abundante refeição do dia.

Durante o repasto, que fora regado a preceito com vinho, todos falavam ao mesmo tempo, fazendo um barulho capaz de rebentar os tímpanos a um surdo!

Às dez horas da noite, depois da última rodada de malgas de vinho e dos agradecimentos dos donos da casa, homens e mulheres, na mais íntima camaradagem, foram para as suas respectivas casas, a fim de repousarem, pois o exaustivo trabalho desse dia dava-lhes juz a esse descanso.

As outras duas roçadas realizaram-se nos dias previstos e fixados e a partida de mato comprada foi toda roçada, dando 240 carros.

— Bem — disse o José à esposa — agora, o que é preciso, é transportar o mato para cá.

— Temos de fazer, também, três carretas, observou a Maria Teresa.

— Três ou quatro — ilucidou o marido.

E sendo quatro, são precisos, para cada uma, 60 carros.

A duas pessoas cada carro...

— São 120 pessoas!

— É muita gente junta, pois não é, minha querida Maria Teresa.

— Pois é, mas cá nos havemos de arranjar para as acomodar e dar-lhes de comer.

— Temos, também, de dar de comer a outros tantos bois...

— Isso é o menos, porque esses comem palha e temos aí muita; o que é preciso é que o mato cá esteja.

— Agora, meu amor, enquanto o mato cá não estiver todo, não descanso.

— Não vejo motivo para relações de canseiras, desde que tudo se ordene metódicamente.

— É que não são só as nossas carretas e, por isso, é preciso que não vamos dispor as coisas, precisamente, para os mesmos dias dos outros.

— Sim, mas é fácil saber-se quando é que podemos fazer as nossas.

— Conto com isso.

Dias depois o José, de combinação com a mulher, escolheu os dias das quatro carretas de mato e a primeira foi marcada para o dia 1 de Outubro e as outras seguiram-se de oito em oito dias.

Foram chamados, para cada transporte de mato 58 carros, e com os dois da quinta do Vale, prefaziam a conta calculada.

No dia 1 de Outubro, pelas quatro horas da madrugada, a buzina deu, novamente, o sinal de partida aos lavradores e cada qual seguiu, directamente, de sua casa para o monte de S. Pedro.

Os carros foram chegando uns após outros ao lugar do destino e os que chegavam primeiro iam escolhendo o melhor local para carregar.

Presos os bois a árvores ou a arbustos, com uma copa de palha de milho para os aquietar, procedia-se ao carregamento dos carros.

(CONTINUA)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

(Continuação do artigo do Sr. P. e João Martins de Freitas)

Agrupamentos hyp. dos elementos (por litro):	
Bicarbonato de cálcio	0,gr029.36
» » sódio	0,020.34
» » lítio	0,001.16
» » bário	0,000.11
» » estrôncio	0,000.24
» » ferro	0,001.90
» » manganês	0,000.23
Cloreto de sódio	0,022.23
Brometo » »	0,000.064
Fluoreto » »	0,001.32
Borato » »	0,000.015
Sulfato de magnésio	0,005.80
» » cálcio	0,004.76
Arseniato de sódio	0,000.004
Nitrato de potássio	0,006.78
Fosfato de alumínio	0,000.43
Silica	0,019.40
Anidrido titânico	0,000.04
Matérias orgânicas	0,000.14
Bicarbonato de rubídio	vestígios
Mineralização fixa	0,gr.114.323
Anidrido carbónico livre	0,gr.014.97
Substâncias dissolvidas	0,gr.129.293

Elementos pesquisados e não mencionados.

Iodetos nítricos
Césio, Amónio, Niquel, Cobalto,
Urâneo, Cobre, Chumbo, Estanho. } Nulos em 50 litros
Fulimónio, Bismuto.

Gases dissolvidos { Oxigénio—4,cc3
(além de CO₂) a 0° { Azoto—12,cc6
e 760^m/m. } Argon, etc. vestígios } 16,cc9

A água da Bica Barbosa, de Caldeas, bacteriológicamente considerada é puríssima.

BICA DE FORA

Temperatura da nascente em 7-2-921	30,9
Densidade a 15.°	1,0001
Índice refratométrico a 18.°	1,333.35
Índice crioscópico Δ	0,01
Condutibilidade eléctrica	13,3
Resistividade eléctrica	7498 ohms
Alcalinidade	10,cc4 (soluto N/10)
Quantidade de emanação do rádio em 10 litros de água—2 miligr. minutos da emanação.	

Agrupamento hyp. dos elementos (por litro)

Bicarbonato de cálcio	0,069.50
» » sódio	0,012.23
» » lítio	0,001.94
» » bário	0,000.13
» » estrôncio	0,000.25
» » ferro	0,002.22
» » manganês	0,000.26
Cloreto de sódio	0,015.21
Brometo de sódio	0,000.077
Fluoreto de sódio	0,001.76
Borato de sódio	0,000.048
Sulfato de magnésio	0,004.70
» » cálcio	0,005.86
» » potássio	0,005.25
Arseniato de sódio	0,000.004
Nitrato de potássio	0,001.00
Fosfato de alumínio	0,000.61
Silica	0,021.80
Anidrido titânico	0,000.04
Matérias orgânicas	0,000.10
Bicarbonato de rubídio	vestígios
Mineralização fixa	0,142.989
Anidrido carbónico livre	0,010.63
Substâncias dissolvidas	0,153.619

Elementos pesquisados e não mencionados:

Iodetos nítricos
Césio, amónio, níquel, cobalto,
urânio, cobre, chumbo, estanho,
antimónio, bismuto. } Nulos em
50 litros

Gases dissolvidos { Oxigénio—5,2
(além de CO₂) a 0° { Azoto—11,4
e 760^m/m. } Argon, etc. vestígios } 16,6

(Continua no próximo número)

Tribuna de VILA VERDE

Deliberações da Câmara

Ofícios

Do sr. Presidente da Junta da freguesia da Portela de Penela, pedindo o subsídio de 5.000\$00 para arranjo de caminhos. Concedidos 2.500\$00.

—Do sr. Presidente da Junta da freguesia de Cabanelas, pedindo um subsídio para arranjos nos caminhos, cemitério e fontes. Concedidos 5.000\$00.

—Do sr. Presidente da Junta de Rio-Mau, pedindo um subsídio para construir um pontilhão em cimento armado sobre o regato de Bretelos ao lugar do Sobrado. Concedidos 995\$00.

—Do sr. Presidente da Junta da freguesia da Lage, pedindo um subsídio para reparação de duas pontes no lugar de Pedrosinho. Concedidos 2.000\$00.

—Do sr. Presidente da Junta da freguesia de Aboim da Nóbrega, comunicando que o saldo de 5.000\$00 que a Junta possuía, foram gastos em reparações no cemitério da mesma freguesia.

—Do sr. Presidente da Assembleia Geral dos Bombeiros Voluntários de Vila Verde, comunicando ao sr. Presidente, que aquela Humanitária Associação aprovou, por aclamação, um voto de louvor a toda a Ex.ma Vereação, pelos valiosos auxílios prestados aos Bombeiros Voluntários.

—Do sr. Chefe dos Serviços clínicos do Hospital Rovisco Pais, comunicando que o doente Bento da Silva Couto, que se tinha evadido daquele estabelecimento hospitalar tinha dado entrada ali, compulsivamente, no dia 22 do corrente mês de Fevereiro.

—Do sr. Presidente da Direcção dos Bombeiros Voluntários de Vila Verde, pedindo para que a Câmara não esqueça aquela Humanitária Associação na distribuição dos seus subsídios.

—Da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, comunicando que foram incluídos na VI fase de construção de Escolas Primárias os edifícios dos núcleos de Esqueiros e Saúde.

Requerimentos

João Lopes Ferraz, de Prado Santa Maria, pedindo os bons ofícios da Câmara, junto da Direcção Geral de Transportes, na criação de mais uma unidade—veículo auto-ligeiro de passageiros de aluguer, na referida freguesia, bem como uma criação de viatura-automóvel pesada de carga, para serviço de aluguer. Deliberado satisfazer o pedido.

—Do sr. Dr. João Maria Macedo e Cunha, médico do

1.º partido médico pedindo licença para se ausentar para o Porto, a fim de frequentar o IX curso de aperfeiçoamento. Autorizado.

Licenças para obras

Concedida a Maria da Costa, de Cervães, para cons-

(Continua na 3.ª página)

«SOBRE A NUDEZ

FORTE DA VERDADE...»

(Continuação da 1.ª página)

como se se desnudasse uma donzela muito bem vestida mas cujo corpo estivesse maculado de ocultas e desconhecidas chagas e cicatrizes!... Sim; o Inverno em Vila Verde tem qualquer coisa de terrível e desolador!...

São as crianças da escola primária a tremer de frio na que lha desconfortável e velha casa que já fez a sua época. Oh! quanto frio ali passei naquelas salas sombrias e húmidas, eu que felizmente tinha bons agasalhos!...

E mesmo assim quantas vezes imaginei (a imaginação das crianças é maravilhosa!) que o edifício da Câmara era todo de cristal, deixando-se todo ele atravessar por um sol radioso dum manhã gelada de inverno!... É que daquele lado, do lado Nascente a presença indesejável do magesto edifício que não deixa atravessar uma rêssea de sol, criava nas imaginações infantis verdadeiros paraísos perdidos!...

São agora os jardins que outrora foram bem tratados e que hoje se encontram em completo abandono. O da Escola, fomos nós os rapazes que lhe demos início. Aquêl recanto era um autêntico monturo onde se despejavam os detritos e os lixos da vila. Começamos então por remover aquele entulho e a fazer pequenos canteiros, até que as enti-

dades administrativas de então resolveram aproveitar a ideia e transformaram o local num aprazível recanto.

Depois são os pavimentos da vila que nunca mais foram reparados. E para cúmulo permitiu-se que do lado Nascente se fizessem autênticos aterros com barro e saibro, tornando intransitáveis os arruados, de tal modo que quem de noite e inadvertidamente por ali passar, corre o risco de ficar atolhado até aos tornozelos!...

Enfim: são tantas e tantas as mazelas que o inverno pôe a descoberto na vila que no seu conjunto e nesta época lhe dão aquele ar irrespirável de abandono e de pobreza que a caracterizam. E que diabo, Vila Verde não deve ser assim tão pobre! É sede dum enorme comarca e dum importante concelho! Tem, pois, a obrigação de se mostrar mais arranjada e mais limpa.

E enquanto os responsáveis não se resolvem a meter mãos à obra, vamos esperando que mais uma vez a Primavera que se avizinha coloque «sobre a nudez forte da verdade... o manto diáfano da fantasia»

Fausto Fel...

No próximo número:

«A FEIRA DE VILA VERDE, ETC...»

do mesmo autor

TIPOGRAFIA

TELEFONE 62113



AMARES

ENCADERNAÇÃO

ORÇAMENTOS

Quando V. Ex.^a desejar trabalhos de **impressão especial** que se encontrem fora dos n/ catálogos, agradecemos que nos consulte, pois teremos todo o prazer em apresentar orçamento e estamos certos de que os preços **agradarão**, bem como a qualidade dos materiais empregados. Além dos fornecimentos directos do n/ depósito, mantemos avultada clientela em todo o País, de **trabalhos tipográficos e encadernação de todo o género**, sinal de que fazemos preços que não podem ser imitados pela concorrência, isto devido, tão somente, às máquinas automáticas de que dispomos, que fazem trabalhos mais perfeitos e mais rápidos.

DE

ENCADERNAÇÕES

LIVROS
REVISTAS
DIÁRIOS DO
GOVERNO
E
TODA A
ESPECIE
DE
ENCADERNAÇÕES
DE
LUXO
OU
CORRENTES